

29 NOV 1990

Brasil consegue US\$ 700 milhões

Jamil Bittar — 3/7/90

Manoel Francisco Brito
Correspondente

NOVA IORQUE — O governo brasileiro já está comemorando — ainda de forma comedida, porque nem tudo está sacramentado no papel — a liberação de três empréstimos, um do BID e dois do Banco Mundial, num total de US\$ 700 milhões. “O empréstimo do BID foi aprovado hoje”, anunciou ontem à tarde o negociador da dívida externa, embaixador Jório Dauster, pouco antes de entrar no prédio do Citibank para nova rodada de conversas com os credores privados.

O empréstimo do BID, no valor de US\$ 250 milhões, será destinados a programas de crédito à iniciativa privada e tem prazo de quatro anos. Os do Banco Mundial — um de US\$ 150 milhões, para investigações científicas, e outro de US\$ 300 milhões, para o BNDES — têm desembolsos previstos para oito e quatro anos, respectivamente.

“**Fortes indicações**” — Em Washington, um diplomata da Embaixada brasileira disse que “os empréstimos do Banco Mundial também vão sair”. Ele informou que o embaixador Marcílio Marques Moreira havia recebido ontem de manhã “fortes indicações de que o dinheiro seria liberado”. No Banco Mundial, que há duas semanas divulgou nota anunciando o empréstimo e depois recuou, o clima era de cautela. “O assunto está na agenda do conselho, que se reúne amanhã (hoje)”, disse um funcionário.

“Se o Brasil, através de contatos com principais acionistas do Banco, conseguiu um sinal verde sobre o dinheiro, isso eu não posso saber”, ressaltou o funcionário do Banco Mundial. “Quase ninguém sabe de acordos feitos debaixo da mesa até eles serem firmados”.

O diplomata brasileiro insistia, entretanto, que a liberação dos



Dauster disse que proposta de negociação não muda

dois pedidos tinha sido decorrente da pressão dos Estados Unidos. Há duas semanas, o governo americano, para protestar contra a resistência brasileira em pagar os juros atrasados devidos aos credores privados, liderou no Banco Mundial o movimento contra a liberação dos empréstimos.

A súbita mudança de posição dos Estados Unidos, segundo o mesmo diplomata brasileiro, é um reconhecimento oficial de que as negociações com os bancos em Nova Iorque estão caminhando. Mas sua razão imediata decorre do fato de que o presidente George Bush, que chega ao Brasil para uma visita oficial na semana que vem, não tinha nada de muito importante para anunciar ou dizer ao governo brasileiro, o que ressaltaria ainda mais o caráter meramente protocolar e cerimonial da viagem do governante americano a Brasília.

Gesto simbólico — A aprovação dos empréstimos, se ocorrer, elimina parte deste problema. “E evita constrangimentos maiores durante a visita”, emendou o funcionário da Embaixada brasileira. Ainda assim, a atitude de liberar o dinheiro é meramente simbólica, pois todos os três em-

préstimos são de desembolso de médio e longo prazo e, neste momento, não teriam impacto algum nas contas do Brasil.

Antes de entrar para conversar com os banqueiros, o embaixador Jório Dauster disse em Nova Iorque que a liberação dos empréstimos não muda em nada a negociação com os credores privados. “Estes desembolsos são relativos a projetos do governo brasileiro e não vão necessariamente melhorar ou piorar nossa posição ou a dos bancos”, afirmou.

O negociador brasileiro disse ainda que não traz nenhuma nova proposta para os banqueiros desta vez. “Nossos terrenos já estão demarcados desde a semana passada”, lembrou ele. “Agora, é hora de trabalharmos para criarmos fronteiras comuns”. Dauster também garantiu que, ao contrário do que dizem alguns banqueiros, não há nenhuma tentativa por parte do Brasil de retirar o aval do Tesouro Nacional da parte da dívida em poder do Banco Central. “Eu acho que eles estão com absoluta falta de vontade de entender esta posição”, disse, insinuando que trata-se de uma manobra cujo intuito é tumultuar as negociações.